

Fernanda Paula Sousa Maia

Instituto de História Moderna da Universidade do Porto

Caminhos da imprensa católica em Portugal: o jornal “Estrela Polar” (Lamego, 1907-1908) e Artur Bívar

Resumo

No presente artigo, através da análise do jornal “Estrela Polar”, pretende-se analisar um dos caminhos que o movimento social católico procurou seguir no início do século XX, em Portugal. Dirigido por um dos jornalistas católicos mais entusiastas da sua época – Artur Bívar –, o “Estrela Polar” tentou ser, na cidade de Lamego, a mola mobilizadora do clero e da sociedade em torno das propostas sociais da igreja.

Abstract

Based on the analysis of the newspaper “Estrela Polar” (Lamego, 1907-1908), this article aims to present the development of the Catholic social movement in Portugal at the beginning of the 20th century. Directed by Artur Bívar, one of the most enthusiastic Catholic journalists of his time, the “Estrela Polar” endeavoured to mobilize the clergy and society of the city of Lamego around the Church’s social purposes.

A presente revisitação que fazemos aos temas de natureza religiosa tem, para nós, um profundo significado, não apenas de natureza pessoal, como sobretudo pretende representar um merecido tributo a um *Mestre* – na antiga acepção da palavra – que, bem cedo, nos soube motivar, incentivar e acompanhar nas nossas primeiras incursões investigativas. Tendo sido nosso professor na licenciatura, já aí despertou em nós um crescente interesse pelas temáticas de natureza religiosa, pelo rigor da pesquisa arquivística, pela recolha ‘beneditina’ nas bibliotecas e nos livros antigos que até hoje configuram a nossa identidade profissional e, ousaria nos mesmo dizer, pessoal. Apesar da nossa recente deriva contemporanista, o Frei Geraldo sabe que os temas de natureza religiosa e, em particular, os beneditinos

têm um significado especial para nós. O presente trabalho representa apenas um pequeno tributo de uma discípula atenta e grata.

Apesar de ter raízes seculares, a imprensa periódica adquiriu, no século XIX, um vigor e uma importância que a simples análise da evolução dos títulos publicados em Portugal testemunham. Por um lado, não podemos esquecer o contributo das alterações de natureza técnica acontecidas nesta centúria, nomeadamente a substituição da velha prensa de madeira pela de ferro, ou ainda a aplicação do vapor como força motriz. Estas novidades provocaram, desde logo, uma multiplicação das tiragens e das edições, com o correlativo abaixamento do preço final do produto, ou seja, proporcionando a sua progressiva democratização. Quando a isto se juntou a possibilidade de aplicar o princípio da rotativa aos rolos de jornal, todo este fenómeno de expansão se consolidaria ainda mais.

Foram, no entanto, as profundas alterações políticas, sociais, ideológicas e culturais que dariam um significado particular à imprensa periódica no século XIX. Na verdade, também em Portugal, cedo o novo regime liberal descobriu as potencialidades dos jornais e, embora as taxas de alfabetização fossem muito baixas, sabe-se hoje que, mais importante do que a leitura silenciosa e individual dos jornais, nesta altura, o era a leitura em voz alta, dirigida para um crescente número de pessoas curiosas pelas novidades trazidas naquelas, poucas ainda, folhas de jornal.

Desde cedo foram, também, aparecendo títulos de pendor religioso, quer abarcando a vertente doutrinária e educativa, quer a dirigida às questões moral e missionária. Foi, no entanto, apenas a partir da década de 1870 que, entre nós, se percebe o aparecimento de uma iniciativa episcopal, no sentido de serem criados órgãos de imprensa diocesana, um pouco por todo o país¹. Acompanhando esta mudança, a *Carta de Leão XIII sobre a Imprensa Católica*, datada de 25 de Janeiro de 1882, vem também contribuir para uma reflexão e uma tomada de consciência mais profunda sobre a importância deste fenómeno, mobilizando os intelectuais católicos e, até mesmo, eclesiásticos que se dedicavam então às folhas impressas como veículo de apostolado.

A par deste movimento, já as preocupações com aquilo que se designou então como a ‘boa imprensa’ foram sendo debatidas e reflectidas em encontros específicos, como o *Congresso dos Escritores e Oradores Católicos*, ocorrido no Porto, em 1871-1872, sob o impulso do Conde de Samodães. O aparecimento do jornal *A Palavra* (1872-1913), publicado no Porto, faria jus a este movimento, mantendo, durante toda a sua existência, uma “intransigente fidelidade ideológica” à Igreja

¹ FONTES, Paulo F. de Oliveira – Imprensa Católica. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000. Vol.2, p. 424.

e à religião católica². Outros Congressos se lhe seguiram, bem como diversos movimentos saídos do meio jornalístico católico, relançando recorrentemente a ‘cruzada’ a favor do que então se designava como a ‘boa imprensa’, plasmada em outros tantos títulos publicados em folhas soltas, ou simplesmente acompanhando outras publicações periódicas³.

Foi neste contexto que o último terço de Oitocentos, em Portugal, assistiu a um assinalável impulso da imprensa católica, dinamizado a partir da própria instituição religiosa, nomeadamente através do aparecimento de diversos órgãos diocesanos, mas também fomentado autonomamente, quer por iniciativa de associações de fiéis, de congregações religiosas, quer da iniciativa de leigos, convictos da necessidade de lutar pelos princípios de Deus e de propagandear as boas ideias.

Era nestes termos que o semanário dominical, fundado por uma comissão dirigida por Artur Bivar, intitulado *Estrela Polar* apresentava o seu editorial, no primeiro número vindo a lume na cidade de Lamego, no dia 1 de Setembro de 1907. Este periódico ilustrado, que não incluía publicidade, e que tinha por divisas, no canto superior esquerdo, “Por Deus, pela Patria e pela Família” e no canto superior direito “Liberdade, Justiça, Amor e Paz”, era propriedade do Padre Jacinto d’Almeida Motta e, os 53 números que vieram a lume, entre 1 de Setembro de 1907 e 30 de Agosto de 1908, foram impressos na tipografia *Veritas*⁴, da Guarda. Para além do director a que fizemos referência, tinha também um director local, o Padre Joaquim Ribeiro d’Almeida, que exercerá estas funções até 23 de Fevereiro de 1908, altura em que, alegando “razões ponderosas”⁵, abandona o cargo de director. Será a partir de então substituído pelo proprietário, o Padre Jacinto d’Almeida Motta, que com muitas dificuldades – “falta de forças” e “falta de saúde” – o manterá até à sua saída da cidade de Lamego, sem ter conseguido quem o substituisse no cargo⁶. Terminava assim o percurso de um jornal que, como escrevia o Padre Joaquim Ribeiro d’Almeida, no editorial do seu primeiro número, se apresentava como “um jornal de propaganda das boas ideias e por isso aproveitará todos os meios que para tal fim se lhe deparem convenientes”.

² POLICARPO, João Francisco de Almeida – *O pensamento social do grupo católico de “A Palavra” (1872-1913)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1977. Vol. 1, p. 3.

³ É o caso da publicação intitulada *Boletim da Cruzada*, folha solta inserta no jornal que vamos analisar – *Estrela Polar* (Lamego, Set. 1907-Ago. 1908).

⁴ A Tipografia *Veritas* colaborava com o projecto editorial do jornal através do contributo “de alguns trabalhadores obscuros que desejavam pôr o seu esforço e a sua boa vontade ao serviço da boa causa”, como se pode ler numa notícia do jornal, intitulada “Dois Anos”, comemorando o aparecimento da Sociedade *Veritas*. Sem publicidade, para além das assinaturas (de difícil e tardia cobrança), esta foi uma das formas que permitiu a sua, embora curta, sobrevivência (cf. *Estrela Polar*, nº14, 1 de Dez. 1907, p. 1).

⁵ Declaração. *Estrela Polar*, nº 26 de 23 de Fev. 1908, p. 1.

⁶ Aos meus assignantes. *Estrela Polar*, nº 52 de 23 de Ago. 1908, p. 8.

Numa altura em que, na sequência dos movimentos europeus, os católicos portugueses entendiam que as graves questões sociais deveriam interpelar a uma maior e mais eficaz intervenção política e cívica dos católicos e do próprio clero, uma vez que, como se escreve no editorial deste periódico, “já não é lícito cruzar os braços e limitar-se a fazer orações e registar em estylo lamuriento os males que está causando a imprensa revolucionaria e impia”, a utilização dos meios mundanos, como a imprensa (livros, jornais, revistas, folhetos, folhas soltas e gravuras) surgia, assim, como uma das vias a explorar. Para isso, estes homens apresentavam a imprensa em circulação de forma maniqueísta, aludindo a uma má e a uma boa imprensa, querendo com isto evocar os valores subjacentes a cada uma delas. É, neste contexto, que ainda no seu editorial, o Padre Almeida refere que “a Imprensa deve ser um sacerdocio do bem e, se a maior parte d’ella se abastardou e se deprimiu convertendo-se em mensageira de ideias deleterias e corruptoras, a todo o cidadão honesto impende o dever de contrapor, cada um na medida dos seus recursos, imprensa a imprensa, propaganda a propaganda, ao mal o bem, á desorganisação a ordem, ao espirito de revolução o respeito pela autoridade”⁷.

Era assim também que, nas palavras do Padre José Pereira Dias⁸, nascia “pela primeira vez, em Lamego, um novo paladino da religião catholica, um semanario que debaixo da obediencia de seus legitimos Pastores se propõe, na medida das suas debeis forças, concorrer para a christianisação da sociedade tendo como divisa – *instaurare omnia in Christo* – guerreando deste modo o mau jornal e fazendo propaganda da boa doutrina”⁹. Mas foi, através de um artigo aparecido sob pseudónimo na primeira página deste número inicial, que surgiria, em termos de ideias e de palavras, a justificação mais veemente para o aparecimento deste periódico. Sob a assinatura de *Mapinal*, pela linguagem utilizada e pelas expressões *sui generis* a que recorre e que voltamos a encontrar, por exemplo, no discurso que faz, pouco tempo depois, no *Congresso Nacionalista* de finais de Outubro desse ano em Braga, estamos certos tratar-se de Artur Bívar¹⁰, o verdadeiro mentor desta folha periódica e o seu director oficial. Num estilo empolgado e entusiástico, apresenta ideias por ele há muito defendidas, como “a imprensa actualmente é o melhor meio de espalhar a boa doutrina assim como também o é para espalhar a má (...). Saeamos-lhe a campo e combatamos com armas eguaes e venceremos

⁷ A Nossa Apresentação. *Estrela Polar*, nº 1 de 1 de Set. 1907, p. 1.

⁸ O Padre José Pereira Dias pertencia, juntamente com Pedro Gouveia dos Santos e Francisco Lopes, à Redacção e Administração deste periódico.

⁹ A Boa Imprensa. *Estrela Polar*, nº 1 de 1 de Set. 1907, p. 1.

¹⁰ Na verdade, Artur Bívar discursará sobre a questão da imprensa no Congresso Nacionalista de 28 a 30 Out. 1907 (Braga). O jornal *Estrela Polar* dará conveniente destaque a este discurso (cf. *Estrela Polar*, nº 10 de 3 de Nov. 1907, p. 5).

pois temos pelo nosso lado a verdade bem evidenciada”, ou ainda “É um nobre ideal combater pelas nossas crenças e pela religião de nossos antepassados”¹¹.

Artur Bívar é o exemplo de um reconhecido publicista que, sendo ainda muito jovem, pela sua formação em Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma¹², pôde perceber melhor a eficácia da imprensa ao serviço da religião católica. Por isso, em 1907, com apenas 26 anos, no mesmo tom enérgico que lhe reconhecemos, afirma no *Congresso Nacionalista*, que “á imprensa tem consagrado toda a sua vida publica de quatro annos”, propondo mesmo que se organize uma comissão “com poucas sinecuras honorificas mas também com poucos homens de trabalho, incansáveis e desinteressados – que não façam outra cousa senão organizar uma obra complexa e completa de imprensa catholica portugueza”, deixando no ar que essa comissão já existiria informalmente e que ele seria um dos seus elementos, nas suas palavras “o mais indigno d’entre elles”¹³.

Na verdade, Artur Bívar desde cedo fará parte de um núcleo activo de católicos que, neste início de século, especialmente a partir da fundação do Partido Nacionalista, em 1903, se empenham em manifestar uma atitude pública de desaprovação relativamente àquilo que consideram ser um fenómeno de dissolução social trazido na esteira da revolução liberal. Pela sua permanência em Roma, Artur Bívar teve acesso a um conjunto de ideias, tendências e escritos que muito o devem ter influenciado no regresso a Portugal. Na verdade, sabemos ter sido um poliglota e um importante polemista¹⁴ que colaborou, através de múltiplos pseudónimos, nas mais importantes publicações do seu tempo¹⁵, tendo mesmo sido o tradutor do *Catecismo Popular* de Francisco Spirago, o autor que, nesta obra, defendeu a importância da realização de congressos católicos e de outras reuniões não oficiais da Igreja para a valorização da sua função pastoral, social e cultural¹⁶.

¹¹ Duas Palavras. *Estrela Polar*, nº 1 de 1 de Set. 1907, p. 1.

¹² Artur Bívar nasceu em 1881, em Vila Viçosa, e faleceu em Lisboa, no ano de 1946 (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d.]. Vol. 4, p.758-759 e, ainda, BÍVAR, Artur. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1965. vol. 3, col. 1401-1402).

¹³ *Estrela Polar*, nº 10 de 3 de Nov. 1907, p. 5.

¹⁴ Foram célebres as suas polémicas com Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Miguel Bombarda ou Brito Camacho (cf. BÍVAR, Artur. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura...*, vol. 3, col. 1401).

¹⁵ GOMES, J. Pinharanda – *As duas cidades: estudos sobre o movimento social cristão em Portugal*. Lisboa: Multinova, 1990. p. 134. Colaborou nos mais importantes órgãos de imprensa católica deste período, como por exemplo, nos jornais *A Palavra* e *As Novidades*, tendo também fundado outros periódicos, como o *Estrela Polar* e *A Guarda*, este último considerado um “semanário modelar de doutrinação católica, lido em todo o país” (p. 134).

¹⁶ GOMES, J. Pinharanda – *Os Congressos Católicos em Portugal: subsídios para a história da cultura católica portuguesa contemporânea: 1870-1980*. Lisboa: Acção Católica Portuguesa, 1984. p. 35.

Desde a sua chegada a Portugal, Artur Bívar participou activamente nos Congressos que entretanto iam acontecendo, entre nós. Logo em 1905, participa como relator do painel “Difusão da leitura das obras científicas ortodoxas”, ao lado de muitos outros importantes nomes do publicismo católico, no *I Congresso dos Jornalistas Católicos Portugueses*, realizado em Lisboa, entre 27 e 29 de Abril de 1905. Aí, muito se falou da importância da ‘boa imprensa’, devendo ter constituído também um momento privilegiado de contacto com outros nomes já consagrados nestas lides e que com ele comungam destes ideais¹⁷. No ano de 1907, participou no *II Congresso das Agremiações Católicas Populares de Portugal*, realizado no Porto, entre 7 e 9 de Junho desse ano, tendo sido relator sobre as questões ligadas à defesa da família¹⁸, assunto recorrente no jornal *Estrela Polar* de que era director. Ainda neste ano, esteve também presente, em Braga, no *III Congresso Nacionalista* a que já fizemos referência. Em Outubro de 1908, na Covilhã, participou no *III Congresso das Agremiações Católicas Populares de Portugal*, como relator no tema, de grande actualidade para o mundo católico, a Igreja e o operariado¹⁹.

Durante toda a I República terá, compreensivelmente, uma participação muito apagada em termos de vida pública. Sabe-se que, logo após a implantação da República em Portugal, abandonou o país juntamente com o amigo e escritor católico Gomes dos Santos, com quem fugiria para a Galiza. Apesar deste, mais tarde, ter ido para o Brasil, onde viria a morrer precocemente, sabe-se que Artur Bívar regressou a Portugal²⁰. A participação em Congressos Católicos só viria a ser possível na década de 1920, num momento de declínio do republicanismo. Na verdade, em Dezembro de 1920 e de 1921, apresentaria comunicações no *I e II Congresso das Obras Católicas da Arquidiocese de Braga*, convocados por provisão episcopal. Por sua vez, em 1922, no *VI Congresso da Federação das Juventudes Católicas Portuguesas*, realizado em Coimbra, entre 1 e 3 de Maio, participou no âmbito do tema da promoção das juventudes rurais, da cultura, do social e, novamente, da imprensa católica²¹.

A partir daqui, sabemos que participou nas *Semanas Sociais*, cuja origem se encontra em França, e que se destinavam a ser cursos de formação destinados a mobilizar os católicos para a intervenção social, só possíveis em Portugal a partir de 1934, por iniciativa da Acção Católica Portuguesa²². Estes cursos eram

¹⁷ GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal...*, p. 36-37.

¹⁸ GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal...*, p. 40-41.

¹⁹ GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal...*, p. 42.

²⁰ GOMES – *As duas cidades...*, p. 145.

²¹ GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal...*, p. 54.

²² GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal...*, p. 81.

apresentados e dirigidos por importantes individualidades católicas, de que faziam parte clérigos e leigos, tendo Artur Bívar sido responsável, no âmbito do *Primeiro Curso*, realizado em Lisboa, entre 17 e 23 de Junho de 1940, pela secção intitulada *Vida Cívica*²³. Apenas cinco anos antes de morrer, participa ainda no *Congresso Eucarístico Arquidiocesano de Évora*, realizado entre 1 e 4 de Maio de 1941, onde, juntamente com muitos intelectuais, apresenta a sua derradeira comunicação neste género de eventos, numa altura em que também se destacava como conferencista na Rádio Renascença.

Tendo privado com tantos importantes intelectuais do seu tempo ligados ao movimento social católico, como o jornalista d' *A Palavra* e d' *O Grito do Povo* Manuel Frutuoso da Fonseca²⁴, o autor, editor e seu amigo Gomes dos Santos, o publicista Padre Benevenuto de Sousa que, através do movimento *Folhas Soltas* de que foi responsável, o inspiraria para a criação do seu *Boletim da Cruzada*²⁵, ou ainda Zuzarte de Mendonça e Abúndio da Silva, não é sem surpresa que vamos encontrar Artur Bívar em Lamego, dirigindo o jornal *Estrela Polar* de curta existência, mas deveras representativo dos tempos que então se viviam. O aparecimento desta folha não pode ser analisado fora do contexto da realização do *II Congresso das Agremiações Populares Católicas*, também conhecido como da *Democracia Cristã*, ocorrido no Porto, em Junho de 1907, escassos três meses antes do aparecimento do *Estrela Polar*. Na verdade, este encontro, em que interveio Artur Bívar, não só reuniu os mais destacados intelectuais católicos do tempo, como também permitiu discutir os temas mais importantes de então, como o trabalho, o operariado e as suas condições de vida, a família e, mais uma vez, o papel da imprensa católica enquanto estratégia social da Igreja²⁶. A participação neste congresso deve ter tocado particularmente o jovem Artur Bívar que interiorizou de modo particular as conclusões dele emanadas, nomeadamente a necessidade de formação de uma Liga da Boa Imprensa e a moralização da família. Ora, esses serão apenas alguns dos temas mais presentes nas páginas do jornal *Estrela Polar*, reflectindo o ideal programático saído do Congresso. Logo, no segundo número do jornal surgirá um artigo intitulado “O dia de descanso deve ser o domingo”, no qual o seu autor (assina T.G.) defende esta tese recorrendo a argumentos de

²³ GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal...*, p. 82.

²⁴ Figura a quem o jornal *Estrela Polar* faz um tributo aquando da sua morte precoce, ocorrida em Agosto de 1908 (cf. *Estrela Polar*, nº 51 de 15 de Ago. 1908, p. 1.

²⁵ GOMES – *As duas cidades...*, p. 60.

²⁶ CRUZ, Manuel Braga da – *As origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1980. p. 199.

²⁷ *Estrela Polar*, nº 2 de 8 de Set. 1907, p. 5.

ordem moral e religiosa, procurando evitar a “ruína physica, moral e económica do mesmo operário, da familia, da sociedade inteira”²⁷.

Para além destes temas, o jornal dará um natural destaque à realização do Congresso Nacionalista, ocorrido em Braga, nos dias 28 a 30 de Outubro de 1907. As suas páginas darão relevo aos principais discursos e teses aí defendidas, destacando os principais oradores, nomeadamente o Padre Benevenuto de Sousa que nesse congresso aproveitará para mobilizar o clero para uma participação mais activa na sociedade. É assim, que lhes pede directamente “que vão para o povo do qual são filhos”, defendendo que “o lugar do padre não é pois só na igreja”, ele “deve ser politico, mas nunca pertencente aos partidos liberaes. (...) Só deve ser nacionalista, que o nacionalismo é o partido dos patriotas”²⁸. O Congresso Nacionalista ocupará pelo menos cinco números deste jornal, desde o do dia 3 de Novembro até ao do dia 1 de Dezembro. Nestes números, mais uma vez sob o pseudónimo de *Mapinal*, Artur Bívar procurava explicar aos seus leitores, num registo pedagógico, o que era o Nacionalismo e o Partido Nacionalista, analisando algumas das suas propostas programáticas²⁹.

Será, porém, através de um curioso artigo aparecido em 22 de Dezembro de 1907 que a situação do operariado em Lamego irá ser abordada. Publicando uma carta supostamente enviada por um operário lamecense, que assinava J. R., somos confrontados com um curioso pretexto para o jornal abordar estas questões. O texto da carta, bastante elaborado para um operário comum, identifica algumas situações que estariam na base da difícil condição em que se encontrava o operariado em Lamego e aponta, ainda, o desprezo a que este era votado pela sociedade, como uma das razões do descontentamento e degradação a que tinha chegado. Mais uma vez de uma forma pedagógica, o jornal aproveita para tecer comentários sobre a situação do operariado em geral e de Lamego em particular. Assinando, de novo, sob pseudónimo, desta vez utilizando o nome *Amador*, aquele que nos parece ser Artur Bívar começa por lamentar a situação material e o abandono moral a que têm estado votados globalmente os operários. Na linha da doutrina social da igreja católica, chama a atenção para o papel que o clero pode ter na sua regeneração moral e, evocando os exemplos franceses, alemães, belgas e até espanhóis, que tão bem conhece, defende o estabelecimento e a fundação de obras sociais destinadas a “accudir ás verdadeiras necessidades das classes populares, desherdadas da fortuna”. No final do texto, sem directamente evocar as soluções

²⁸ *Estrela Polar*, nº 10 de 3 de Nov. 1907, p. 1.

²⁹ *Estrela Polar*, nº 11 de 10 de Nov., p. 8; e nº 15 de 8 de Dez. 1907, p. 8.

de pendor socialistas que procurava combater, termina afirmando, à laia de aviso dissuasor, que “o antagonismo de classes é que constitue o mal de todos”³⁰.

Este assunto, então pleno de actualidade, irá ser retomado noutros artigos deste jornal que, mais uma vez recorrendo a uma linguagem pedagógica, procurarão apontar os caminhos que a Igreja pode, e deve, oferecer “para resolver a grande questão social, para melhorar a sorte dos desgraçados”, ou seja, os operários. Logo no número seguinte, embora, desta vez, se trate de um artigo não assinado, os argumentos aduzidos irão ser muito semelhantes aos utilizados na resposta à carta publicitada anteriormente. Novamente, se evocam os exemplos estrangeiros, afirmando-se que “será por meio das obras sociaes de utilidade practica, que venceremos os adversarios da Egreja, que os seus ensinamentos não são estereis, que ella como mãe disvellada procura com todo o empenho minorar a sorte dos pobres, solver, quanto possível, os grandes problemas economicos e sociaes”³¹.

Este assunto só voltará às páginas do jornal *Estrela Polar* em Março de 1908, quando num artigo anónimo, assinado por *Um Amigo dos Operários*, que, pela linguagem, novamente acreditamos tratar-se de Artur Bívar, mais uma vez se esgrimirão os argumentos já antigos e bem conhecidos pelos intelectuais do movimento social católico. Sob o título “Acção Catholica em Lamego”, de novo se refere a necessidade de o clero seguir as palavras de Leão XIII, descendo ao povo. Recorrendo ao recente episódio dramático do regicídio, o autor escreve, em tom de ameaça velada, “um povo sem religião só produzirá ou abrigará em seu seio, Buissas ou Alfredos Costas”. Numa linguagem que expressa algum desencanto com a inércia demonstrada pelo clero local afirma “em Lamego estou vendo tudo a decahir, tanto physica como moralmente, e isto devido em grande parte ao clero, que sendo em numero bastante, nada ou quasi nada tem feito no campo social”.

Reproduzindo muitas das ideias que, desde finais do século XIX, vinham sendo veiculadas em múltiplos escritos e nos congressos que frequentava, sem identificar a forma, Artur Bívar propunha, também para Lamego, a organização dos católicos em bases profissionais, de que o sindicalismo católico e a criação dos círculos católicos de operários vinham sendo, então, um bom exemplo³². Nesse sentido, num tom acusador para o clero, o autor escrevia: “o Sacerdote deve ir procurar o povo á officina, ás ruas, ás praças publicas e ás suas habitações, para que assim se torne o verdadeiro amigo do povo e por este meio o attrai a si,

³⁰ A situação do operário em Lamego. *Estrela Polar*, nº 17 de 22 de Dez. 1907, p. 8.

³¹ Semanas sociaes. *Estrela Polar*, nº 18 de 29 de Dez. 1907, p. 3.

³² CRUZ – *As origens da Democracia Cristã e o Salazarismo...*, p. 22.

mostrando-lhe que também se interessa pelo seu bem estar, tanto espiritual como temporal”. E terminava, referindo aquela que lhe parecia ser a solução mais eficaz, “reunir o operariado n’uma grande associação deve ser o fito do clero catholico d’esta cidade, porque d’outra sorte não o livrará do barathro para onde vae caminhando a passos agigantados”³³.

A questão da ‘boa imprensa’ foi outro dos temas a que o jornal *Estrela Polar* se mostrou particularmente sensível. No último número relativo ao mês de Março de 1908, insere nas suas páginas um panfleto, em corpo e letras diferentes do habitual, intitulado significativamente “Apostolado da Boa Imprensa”. Trata-se de um manifesto não assinado dirigido aos católicos e a todos os portugueses, contra a imprensa que faz “guerra a Deus”. Por isso, na esteira dos escritos de Leão XIII, alerta “urge acatellar-nos dos maus jornaes”. Nesse sentido, dá-se conta que nos dois seminários da cidade de Lamego se estabelece “o Apostolado da Boa Imprensa”, tendo como fim principal “enxamear de bons jornaes toda a sua diocese, diffundindo a verdade e a virtude, e combatendo o erro e a maldade”. Informa ainda que todos podem ser apóstolos da boa imprensa, para isso basta pagar a assinatura dos ‘bons’ jornais e, depois de lidos, enviá-los à comissão presidida pelo Cónego Dr. Joaquim Pereira Pedrosa e Sousa que, por sua vez, os enviará gratuitamente a outros leitores que não possam suportar a sua assinatura. Deste modo, agressivo e militante se pretendia fazer com que “todo o catholico [fosse] um soldado de Christo e todo o soldado deve ser um valente!”³⁴.

A associação a este movimento estará na origem do aparecimento de uma outra publicação, intitulada *Boletim da Cruzada*, inserta nas páginas do *Estrela Polar*, ela também dirigida por Artur Bívar. Impressa na mesma tipografia do jornal – a *Typographia Veritas* – esta publicação, sedeada em Lisboa, tem como proprietária e editora uma comissão que aparece designada como “A Comissão da Cruzada”. Trata-se de uma publicação semanal que, graças à generosa colaboração da tipografia, aparecerá também inserta nos nove títulos periódicos que saem dos prelos da *Veritas*. Apesar do primeiro número ter saído em 15 de Maio desse ano como folha solta, o seu texto aparece agora de novo reproduzido neste novo número 1 do Boletim. Artur Bívar, agora sob o pseudónimo de *Pedro Eremita*³⁵, consubstancia assim na prática este movimento destinado a promover a boa imprensa, à imagem de um outro já conhecido, designado por *Folhas Soltas*

³³ Acção Catholica em Lamego. *Estrela Polar*, nº 28 de 8 de Mar. 1908, p. 4.

³⁴ O Apostolado da Boa Imprensa. *Estrela Polar*, nº 31 [impresso erradamente com o número 30] de 29 [impresso 28] de Mar. 1908, p. 8.

³⁵ Significativamente trata-se do nome do monge que, segundo se diz, deu voz ao levantamento do movimento das Cruzadas medievais.

da responsabilidade do Padre Benevenuto de Sousa³⁶. Nesse primeiro número, a Cruzada apresenta-se como “uma união dos catholicos portuguezes que tem por fim combater a propaganda anti-christã, anti-social e anti-patriotica dos inimigos de Deus e da Pátria”, tendo como directores um grupo de homens que foram educados no mesmo colégio, o Colégio Português de Roma, dos quais se destacam dois jornalistas, um padre e o outro leigo, que se encobrem sob o pseudónimo de Pedro Eremita. Trata-se, como imaginamos, do nosso conhecido Artur Bivar e do, seu amigo e condiscípulo, Padre Benevenuto de Sousa. Para pertencer a este grupo, estipula-se uma quotização mensal de 10 réis e, de forma didáctica, enuncia o seu programa a partir das cinco vogais, a saber, o A de Altar, o E de Escola, o I de Imprensa, o O de Obras e o U de Urnas, ou seja, os grandes temas que preocuparam e absorveram os intelectuais pertencentes ao movimento social católico português³⁷.

Até ao final da existência editorial do *Estrela Polar*, aparecerão publicados cinco números do *Boletim da Cruzada*, com uma extensão e conteúdos bastante variáveis entre si, o que nos faz pensar que, mais do que o resultado de uma comissão institucionalizada, se trataria de um projecto bastante personalizado e centrado na figura de Artur Bivar. Assim, o primeiro número aparece apenas com duas páginas, o segundo (datado de 9 de Agosto) já surgirá com quatro, o terceiro (de 15 de Agosto) e o quarto (de 23 de Agosto) aparecerão com duas páginas e, por último, o quinto e último publicado sob este título, com data de 30 de Agosto, vem a lume apenas com uma única página.

Nestas publicações insertas nos jornais, para além do aparecimento das listas de quantias enviadas para o movimento, surgem também importantes artigos sobre alguns dos temas caros ao movimento. A escola e a imprensa terão o merecido destaque, em números separados que darão voz à “cruzada contra a escola sem Deus” (9 de Agosto), à “Cruzada contra a má imprensa” e à “Cruzada pelas boas obras” (ambas saídas a 23 de Agosto). Com uma apresentação pedagógica, no estilo catequético pergunta/resposta, Artur Bivar vai respondendo a perguntas como: o que são os maus jornais; o que é a imprensa; como devia ser um jornal; porque há maus jornais, ou ainda qual o remédio contra a má imprensa. Nele poderemos perceber o que o autor entendia por boa imprensa: “o bom jornal devia ser o amigo da casa, que todos os dias viesse do correio fazer algum bem no seio da família (...) louvando os actos virtuosos e censurando os crimes (...) a todos dando bons conselhos, para guiarem e aperfeiçoarem o seu modo de vida”, acrescentando “a

³⁶ GOMES – *As duas cidades...*, p. 60.

³⁷ *Boletim da Cruzada*, ano 1, número 1, Lisboa 2 de Ago. de 1908. Inseto no número 49 da *Estrela Polar*, de 2 Ago. 1908.

todos enfim, porque todos somos filhos de Deus, devia trazer uma palavra cada dia, que nos aliviasse as dôres da vida e recordasse a outra vida”³⁸.

Uma semana depois, a 30 de Agosto de 1908, terminava a aventura editorial de índole católica iniciada menos de um ano antes na cidade de Lamego, sob a batuta de Artur Bivar. Não seria, porém, a última de sua iniciativa. Na verdade, até à implantação da República outras se lhe seguiram e a sua militância não parece ter esfriado, como se pode comprovar nos discursos que entretanto apresentou nos diversos congressos em que participou. A experiência de Lamego, no entanto, havia-se malogrado. Talvez por isso mesmo, no último número do jornal, Artur Bivar deixe um testemunho sentido de que esta luta não podia terminar por agora. Ao seu estilo escreve “Catholicos, a hora é grave, repito, trabalhemos para que Deus não seja banido da família, livremos a pátria da emboscada dos seus inimigos e preservemos a família da corrupção que campeia infrene e restauraremos tudo o que mais caro nos é”³⁹. Em breve, porém, um outro acontecimento iria colocar um novo e muito maior obstáculo a esta luta – a implantação da República, a 5 de Outubro de 1910. Durante alguns anos, os católicos portugueses iriam, de facto, percorrer uma penosa travessia no deserto que se traduziu, em muitos casos, pelo silenciamento de muitos dos seus jornais e pelo exílio de muitos dos seus intelectuais. Mas, em 1926, de novo a esperança pôde renascer...

³⁸ Boletim da Cruzada, nº 4. *Estrela Polar*. nº 52 de 23 de Ago. 1908.

³⁹ *Estrela Polar*. nº 53 de 30 de Ago. 1908. p. 8.